

# **história e cultura**



# ***A CHINA E MACAU NA OBRA DE WENCESLAUDE MORAES***

*Celina Veiga de Oliveira \**

## **Ex Oriente Lux — a luz vem do Oriente**

Na dialéctica de recusas e recuperações da História, a frase contém, em síntese, o estado de espírito que afecta uma parte da «intelligenza» europeia dos finais do séc. XIX e que se manifesta pela procura urgente de uma qualquer dimensão oriental.

O colonialismo europeu atinge, após a Guerra do Ópio, a região do Extremo Oriente, impondo um «*mare nostrum*» político, económico e militar.

A burocracia colonial faz deslocar, por necessidades de gestão, inúmeros funcionários do Ocidente que observam, comparam, cumprem ou rejeitam o fascínio de culturas milenares e diferentes. Os relatórios administrativos que enviam às metrópoles, as impressões de viagens, os comentários que tecem sobre o exótico de costumes e de paisagens geram na Europa uma dinâmica de curiosidade e de apetência.

Ora isto ocorre num tempo de crise e de crítica protagonizada por um espaço intelectual, para quem o Ocidente é incapaz de recriar ideias e de projectar soluções. O Ocidente, paradigma perdido, esgota-se num fatalismo decadente e numa estética niilista. Neste contexto, o Sol Nascente surge impoluto, revigorante e mitificado.

A infusão oriental na Europa cria dois mercados de cultura: de um lado, a busca de uma ideia abarcante da filosofia, da arte, da literatura e da espiritualidade orientais, tratada em termos eruditos; do outro, uma vulgarização da informação sobre esse mundo, que acaba por servir os interesses do capitalismo colonial.

Assim, e com diferentes justificações sociais e culturais, ambos os mercados geram processos de radicação e de experiência de vida no Oriente.

---

\* Directora-Executiva de *Administração* — Revista de Administração Pública de Macau. Professora do Instituto Politécnico de Macau.

Na narrativa mais ou menos anónima da História, Wenceslau de Moraes foi um desses radicados.

Depois de passar pela China e de viver uns anos em Macau, Moraes exila-se voluntariamente no Japão, onde joga a experiência total de procura da felicidade.

### **Quem é Wenceslau de Moraes**

Em 1928, um ano antes de morrer, traça a pedido de um japonês a sua biografia:

*«Sou português. Nasci em Lisboa (capital do país) no dia 30 de Maio de 1854. Estudei o curso de marinha e dediquei-me a oficial da marinha de guerra. Em tal qualidade fiz numerosas viagens, visitando as costas de África, da Ásia, da América. Estive cerca de cinco anos na China, tendo ocasião de vir ao Japão a bordo de uma canhoneira de guerra e visitando Nagasaki, Kobe e Yokohama. Em 1893, 1894, 1895 e 1896, voltei ao Japão, por curtas demoras, ao serviço do Governo de Macau, onde eu então estava comissionado na capitania do porto de Macau. Em 1896, regresssei a Macau, demorando-me por pouco tempo e voltando ao Japão (Kobe). Em 1899 fui nomeado cônsul de Portugal em Hiogo e Osaka, lugar que exerci até 1913.*

*Em tal data, sentindo-me doente e julgando-me incapaz de exercer um cargo público, pedi ao Governo português a minha exoneração de oficial de marinha e de cônsul, que obtive, e retirei-me para a cidade de Tokushima, onde até agora me encontro, por me parecer lugar apropriado para descansar de uma carreira trabalhadora e com saúde pouco robusta. Devo acrescentar que, em Kobe e em Tokushima, escrevi, como mero passatempo, alguns livros sobre costumes japoneses, que foram benevolmente recebidos pelo público de Portugal.»*

Apesar de modesta e lacunar, esta autobiografia refere o essencial: a estadia em Macau, as funções consulares em Kobe e Osaka, o desterro em Tokushima, os livros que escreveu.

### **A primeira visão da China**

A China do séc. XIX oferecia, a olhos intrusos, um aspecto deplorável. Derrotada na Guerra do Ópio, coagida pelo Tratado de Nanquim de 1842 a abrir-se ao comércio internacional, adormecida pelo ópio (a *doce* droga), minada de corrupção administrativa e lacerada por divisões internas, como a terrível revolta dos Tai Ping, a Grande China sucumbia à mais abjecta miséria. E para culminar esta sucessão de tristes acontecimentos, a traumática e humilhante derrota com o Japão, em 1894/95, na guerra provocada pela pretensão chinesa à península da Coreia.

Assim se explica que Wenceslau de Moraes não se tenha identificado com a China que conheceu, resultado de uma percepção porventura prejudicada pela mitificação cultural da Europa oitocentista.

Dessa China, diz Wenceslau de Moraes:

*«Ah! Esta China, com os seus quatrocentos milhões de habitantes, com o seu vastíssimo domínio, com a sua labuta infatigável de cultura e de indústria, é o país da desolação e da angústia. Esta gente ama os mortos. Com respeito aos vivos, medra na lei de expoliá-los, de roubá-los, de matá-los; escraviza-se a si própria, com um desamor pelo conforto e pela existência que já não é coragem».*

À sua sensibilidades de esteta, repugna a promíscua geografia do mundo rural e urbano. *«Vejam o que se chama uma aldeia chinesa, o que se chama uma cidade chinesa. É um charco de imundícies, de onde emerge a casaria negra, húmida de bolores pestíferos».*

E até a natureza se congrega, segundo Moraes, para potenciar o quadro de desolação que os seus olhos viam, alternando *«ora em gelos, ora em longas nebulosidades pasmadas, ora em irradiações de um sol abrasador, tórrido, que nem as lufadas exterminadoras dos tufões suavizam.*

*É sempre um cenário de agonia, de costas safaras, de largos rios lodosos, de charcos pestilentos, de arvoredos esguios açoitados das ventanias, a que vem juntar-se sem conseguir dar realce, a verde aguarela dos arrozais, dos intermináveis arrozais».*

Numa crónica sobre o Ano Novo Chinês, divaga sobre os motivos que levam o povo chinês a esquecer-se do seu existir, povoando as ruas festivamente:

*«Para este bando chinês com que me encontro agora, que explosão de bênçãos lhe estimula a sentimentalidade ?(...)*

*O bando abençoa a sua eterna existência de miséria, a miséria passada, a presente e a que fatalmente vai seguir-se-lhe; (...) a labuta sem tréguas em busca de um punhado de arroz de cada dia; (...) e ainda as calamidades tremendas, que nestes últimos tempos (...) têm pairado sobre a imensa pátria: — nas províncias do sul, nos seus centros mais populosos, é a peste, a peste negra (...); e para cúmulo de infortúnio e de descrédito, um vizinho, o povo japonês,, invade, vence e desbarata a China, envergonha-a, oferece-a ao escárnio do mundo na misérrima condição da sua plebe e na opulenta infâmia dos seus nobres, desprestigiada enfim, indefesa à cobiça das gentes, aos homens loiros da Europa, que não tardarão em vir espezinhá-la.»*

Antitética é a sensação que experimenta quando chega ao Japão pela primeira vez. E compara, deslumbrado: ir da China ao Japão *«é sair de uma caverna e entrar num jardim».* Tudo apartava, aos seus olhos, estes dois mundos que os ditames da geografia condenaram a ser vizinhos.

*«Senti este país de luz, país de alegrias, palpitante de todos os encantos, de todas as harmonias (...) quando também abordei às mesmas costas (...) As energias da vida (...) acordam em tropel, o espírito emociona-se, subtiliza-se, vibra em sensações de surpresa; a existência revela-se-nos, enfim como uma boa coisa, como um bom fruto maduro, em que apetece morder gulosamente.»*

Estes sentimentos sublimes de paixão e de militância estrénuo pelo

Dai Nippon são uma invariante de toda a sua obra.

Ao contrário de Lafcadio Hearn, o «*delicadíssimo comentador de coisas japonesas*» que amou fogueiramente o Japão nos anos frescos da sua juventude, mas cujo entusiasmo ia esmorecendo à medida que o tempo corria, Wenceslau de Moraes foi sempre fiel à paixão que escolheu: «*Para mim ... não vale a pena viver quando não seja o sol do Nippon que nos aqueça*».

### Uma outra visão da China

Ao sol do Nippon escreve Wenceslau de Moraes a maior parte dos seus livros e envia, durante longos anos, crónicas para publicação no *Comércio do Porto*, em Portugal, mais tarde reunidas nas *Cartas do Japão*.

Os assuntos que trata são diversificadíssimos: dos costumes às lendas, do povo ao amor, a História, a Natureza, a religião e a cultura do Japão antigo e moderno perpassam pela sua obra.

A China permanece, no entanto, dentro das suas preocupações; daí, as referências à cultura e civilização chinesas, à capacidade de regeneração do povo chinês, e aos conflitos entre nações, com destaque natural para as guerras entre o Japão e a China e o Japão e a Rússia Czarista, não esquecendo Portugal e o pequeno enclave de Macau.

Desta profusão de temas e de matizes, a nossa sensibilidade elege de imediato as páginas que dedica à natureza do Japão. — «*uma natureza domesticada, que ama o homem e se faz bela para agradarlhe*»—, ao requinte dos hábitos nipónicos e ao amor que devotou a duas japonesas, O-Yoné e Ko-Haru.

Mas não será esse o objecto deste trabalho, que optou por acompanhar Moraes na atenção dada aos movimentos da História da China, no limiar do séc. XIX e no princípio deste e à preocupação que lhe merecia o trato administrativo dos Portugueses em Macau, numa época em que a comparação entre modelos de organização colonial era, após a fixação britânica em Hong Kong, inevitável.

Mas o ponto de vista que agora expressa é muito diferente daquele que deixou registado nas páginas ainda literariamente inseguras dos primeiros escritos sobre a China.

Agora é uma visão *coada* pela distância, sem o perigo de uma acareação com a nudez da realidade. Wenceslau de Moraes esquece aquilo que incomodava a sua emotividade estética e lembra somente o determinante para análise.

Em 1905, sobre uma nota veiculada pelo telégrafo que referia a defesa, em pleno Parlamento britânico, da entrada condicionada no Reino Unido a cidadãos de outras nações, dizia Wenceslau de Moraes:

«*Esta lógica ocidental é destinada a curso exclusivo somente no Ocidente. Quando se considera a China, vê-se que a Inglaterra lhe declara uma primeira guerra e se apropria de Hong Kong, porque a China se opõe a dar acolhimento aos traficantes de ópio ingleses, que*

*lhe envenenam a população; quando a China há cinco anos se mostra pouco desejosa de receber no seu solo os estrangeiros, que a crivam de vexames, — em directa alusão à Revolta dos Boxers, movimento nacionalista contra o predomínio do Ocidente, que teve lugar em 1900 — todas as nações se coligam e enviam os seus soldados à China, para lhe imporem pelas armas uma doutrina inteiramente oposta às suas vistas».*

*«A Europa e a América — continua — têm usado até hoje para com os povos extremo-orientais, pela razão do mais forte, de um procedimento altamente arbitrário e altivo, o qual explica em parte as poucas simpatias que estes povos testemunham pela raça branca, sinónimo de raça opressora».*

Por isso, considera que as vitórias nipónicas sobre a Rússia czarista, em 1906, poderiam ser um meio de diminuir, *«perante o formigueiro chinês, o prestígio da raça branca. Não é ignominioso — perguntava — que a própria China, com os seus 400 milhões de habitantes, persista numa reconhecida inferioridade, à parte da família das nações e sujeita a 1000 caprichos dos brancos?»*

Sobre os massacres de missionários que esporadicamente aconteciam em certas zonas da China, Moraes considera que tais factos diagnosticavam *«uma notável efervescência contra os ocidentais no seio das massas chinesas, o que vai hoje robustecendo a opinião (...) de poder contar-se como provável uma próxima erupção da ira popular, semelhante à dos Boxers».*

Acredita veementemente que um espírito de renascença pela inteira independência e pela consideração mundial paira em toda a China: *«A China abraça a instrução moderna, ensaia uma administração constitucional para o seu governo, organiza um exército regular, cuida de coibir o vício do ópio que a Inglaterra lhe impusera há pouco mais de meio século» — escrevia em 1911.*

Conhece o estertor da última dinastia reinante e observa, curioso, o advento da República de Sun-Iat-Sen. Adepto da mudança, como preconizou em tantos artigos que escreveu, não consegue, no entanto, assumir compreensivamente a dinâmica da mesma: assusta-o a eliminação de hábitos centenares e anacrónicos imposta pelo novo regime chinês, como foi o corte dos rabichos do cabelo.

*«Vai-se o rabicho chinês. Falando só de Hong Kong — ínfimo retalho da China — consta que nos dias presentes em cada loja de barbeiro se sacrificam por dia, em média, 100 rabichos (...).*

*Vai-se o rabicho, e com ele ir-se-ão também as lindas cabaias de seda magnífica, os barretes encimados pelo botão hierárquico, os gestos graves, muitos usos interessantes e muitas qualidades apreciáveis dos chineses... Eu quisera que a grande família chinesa, à qual mui altos destinos parecem reservados, pudesse evolucionar e progredir (...) sem eliminar a sua cabaia e sem cortar o seu rabicho».*

Sobre o futuro do país, mergulhado na corrente da revolta republicana, diz-se seguro de que *«a China misteriosa e conservativa, gover-*

*nada pela vontade onnipotente do Filho do Céu, cessou de existir, queimada pelas chamas da Ideia Nova! ... Entra em cena uma outra China (...) embriagada em ideias tremendas...»*

E vaticina, sentencioso, que o Mundo Ocidental *«terá um dia de medir-se com esta nova China, ou, falando com mais propriedade, com a nova Ásia que se forma»*.

### **Macau na obra de Moraes**

Em *Traços do Extremo Oriente*, são constantes as referências a Macau, à população *«miserável e apátrida»* da vida fluvial, aos pobres culis condutores de jerinckchás, comparáveis a rocins da Europa, ao bizarro costume do pé cingido, apertado, deformado, *«reduzido à pequenez requintada que constitui o grande atractivo de mulher distinta e ociosa da China»*, à venda de menores, *«usual e diária»* nesta zona do globo, ao ritmo fervilhante da Rua da Felicidade, com as casas de jogo de fantan, os restaurantes colaos e a promiscuidade de iguarias chinesas, à vida dos tankás e dos marinheiros, ao drama das *half-caste*, aos leprosos pustulentos...

Traços de Macau que não escondem, nem é esse o objectivo, as verdadeiras questões deste *«exíguo penedo asiático, onde Portugal implantou a sua bandeira»*, como lhe chamou.

Quem leia as *Cartas do Japão* haverá de deter-se nos três tópicos da estrutura essencial da crítica:

— a incultura indesculpável dos portugueses, identificável no desconhecimento negligente da civilização chinesa.

— a má administração portuguesa e a correlativa decadência de Macau.

— a descrença nos modelos coloniais das outras potências europeias, como alternativa para o desenvolvimento de Macau.

No conceito de quase todos os portugueses, diz, a civilização chinesa, *«sazonada pelos séculos»*, é tida como *«o mais desolador campo de sensoria»*. No entanto, a alma do povo chinês e as *«múltiplas manifestações da sua civilização são recamadas de espírito, de graça, de requintes de finura, de supinas subtilidades de humorismo...»*

*Que triste e indesculpável ignorância em que vivemos ...*

*Que míngua de documentos nossos, educativos, do que seja a civilização asiática, especialmente a extremo-oriental: e que desamor para irmos ao menos consultar os documentos alheios, que não faltam!...*

*Nós que devassámos a China na vanguarda dos povos europeus, contentamo-nos com a obra escrita pelos nossos missionários, hoje já deficiente perante os métodos modernos de investigação etnográfica e ainda por cima raramente manuseada. Quanto a prosseguirmos no estudo psíquico dos povos que frequentámos e parcialmente dominámos, impondo-se-nos para o efeito Macau como um excelente campo de*

*observação... nada! Quanto a indagarmos, no nosso próprio interesse, sobre os dotes e os defeitos desta família portuguesa, chamada macaense, a quem demos origem nestas remotas paragens, que hoje nos representa em todo o Extremo Oriente, nada! Ora, pois, Macau tem-nos servido, durante longos séculos, como um campo de exploração irreflectida, sacando a torto e a direito do pobre chinês tudo o que pode dar, por bem ou por mal, sem o mínimo critério de investigação sistemática. E quando perguntamos a nós mesmos o que tem feito, como obra de pensamento, como documentário literário e de consulta, o exame de funcionários nossos a que temos ido dando emprego na China — médicos, magistrados, sinólogos, professores e todos os outros — apuraremos que, uma vez, um curador de defuntos e ausentes fez «Os Lusíadas»; mas que ninguém faz coisa alguma (com raras excepções), a não ser... muita cera...»*

Um sopro de subversão perpassa pelo olhar com que, criticamente, analisa a capacidade administrativa dos portugueses, denunciando incúrias e a pouca agressividade competitiva face à concorrência económica dos outros europeus na área.

Espectador atento e por vezes excessivo, Wenceslau de Moraes não hesita em afirmar que *«Portugal não cuidou de atrair os indígenas por importantes facilidades comerciais e pelos melhoramentos do porto de Macau, únicos meios que talvez pudessem impressioná-los agradavelmente, tendo em vista as qualidades eminentemente mercantis. Sugou-os como pôde por meio de impostos, de monopólios, de exclusivos. Patrocinou os vícios, animando as indústrias das lotarias, dos jogos, do ópio e ainda outras.»*

E sugere, como medida terapêutica, que as autoridades de Macau se revistam de *«dotes cem vezes maiores de habilidade e tacto prudencial»*, se empenhem em *«grangear a estima e o respeito dos residentes chineses»*, estreitando relações cordiais *«com as autoridades chinesas vizinhas, com as de Pequim e com o Japão»*.

Este seria, segundo o seu ponto de vista, o processo de conservar *«por longos tempos (porque a emancipação completa da Ásia vem longe) e provavelmente sem grandes complicações internacionais, o nosso pequenino domínio extremo-oriental»*.

A justeza de um relatório sobre Macau, feito pelo adido comercial junto à legação britânica em Pequim e parcialmente transcrito num jornal em Kobe, fez ferver o seu sangue de meridional. E escrevia: *«O aludido documento deve merecer-nos todo o crédito por ser bem conhecida a competência profissional dos funcionários ingleses na matéria. Falando do comércio da China com os países orientais, começa assim o relatório:*

*«Com excepção de Macau, cujo tráfico com a China declina simultaneamente em importação e exportação, todos os outros países orientais acusam notáveis acréscimos na totalidade do comércio.»*

E Moraes pergunta: *«Porque será que Macau faz excepção em tal assunto? Por certo, as exíguas dimensões da nossa colónia extremo-*

*-oriental, o seu porto—mau e mal cuidado—, a ausência de comunicação marítima com a metrópole e a terrível concorrência que lhe fazem os vizinhos portos estrangeiros (para citar apenas estas causas), não dão lugar a que se espere que a velha colónia portuguesa se illustre por brilhantes arrojos mercantis. Mas devia-se nutrir a esperança de que ao menos o comércio de cabotagem de Macau viesse oferecendo melhoria: o desengano é cruel, e será realmente lamentável se não soubermos evitar que, de mal para pior, Macau se reduza um dia a um rochedo inútil, improfícuo».*

Em 1909, realizou-se em Shanghai uma conferência sobre o ópio, à qual, naturalmente, Portugal mandou representantes.

O fim da conferência era conhecido: acabar com o vício da droga que tanto alastrava entre os chineses, *«prejudicando-os imensamente na sua existência económica e, pior ainda, prejudicando a raça que lentamente com a droga se envenena».*

Com uma crítica mordaz e irónica, Moraes relembra que *«o fabrico do ópio constitui em Macau um importante monopólio, que dá grandes proventos ao cofre da província. (...)*

*Macau que nunca soube, até hoje, enriquecer-se pelos processos seguros das suas riquezas naturais (pesca, indústria terrestre, comércio com os portos do interior, navegação costeira e fluvial) tem visto fugir-lhe pouco a pouco todos os mananciais fortuitos que o animavam: emigração chinesa para a América, lotarias, etc. Segue-se agora o ópio. E pouco mais lhe fica que possa ainda fugir-lhe...»*

Particularmente sensível era Wenceslau de Moraes às opiniões dos ingleses sobre a eficácia administrativa dos portugueses. Reconhecendo, embora, os nossos defeitos, chocava-o a petulante e sobranceira comparação, em jornais de língua inglesa, entre a eficácia britânica e o resultado amodorrado da existência *«da nossa antiga colónia»*, importante outrora *«quando era a única cidade europeia do Extremo-Oriente».*

Em 1908, o Hong Kong Daily Press, num artigo dedicado a Macau, referia-se *«às suas tradições, aos seus monumentos, ainda hoje de pé, e à sua decadência dos dias actuais. Poderá semelhante decadência ser sustada? O articulista põe nisto muita dúvida, avançando que nem um novo governador, especialmente dotado de qualidades de eleição, poderá implantar sensíveis melhorias na caduca colónia de Macau. E conclui que, para que Macau se regenere, ou terá de transitar para mãos estranhas, mais empreendedoras do que as mãos dos portugueses, ou então serão os próprios portugueses que terão de regenerar-se.*

*Muito bem, seja assim (diz Moraes). As mãos mais empreendedoras do que as nossas, serão, na mente de quem traçou aquelas linhas, as mãos dos ingleses, ou dos alemães, ou dos franceses (...). Pois eu, do meu obscuro cantinho de observação, faço votos para que os portugueses se regenerem, e com eles o seu vasto domínio colonial. Quando, porém, pela fatalidade dos destinos, um tal domínio haja de passar a*

*mãos estranhas, passe então Macau às mãos dos seus donos primitivos, os chineses, e passe a nossa Índia às mãos dos indianos, e passe a nossa África às mãos dos africanos, mas nunca, nunca à garra adunca dos nossos vizinhos do Ocidente, evitando-se assim uma flagrante injustiça à harmonia natural e um aviltamento para nós. Bem basta o que já lá vai por água abaixo...».*

Poderíamos dizer, em conclusão, que o juízo sereno e distanciado da História deu inteira razão a muitos dos cenários visionados por Moraes. O Oriente, já não o mito, é hoje um pólo do universo com peso e potencialidades para competir e exportar cargas místicas e também tecnológicas.

Mas uma pergunta surge, impositiva:

É possível alguma vez dar-se forma ao homem integral, fruto do encontro criativo do Ocidente e do Oriente?

Wenceslau de Moraes *quis* esse encontro procurando com a experiência peculiar da sua vida, unir as pontas dos dois campos, distantes mas complementares.

E a prova testamental desse seu querer foi a busca da felicidade e do sentido da existência cumprida no exílio voluntário no Oriente e no desterro quotidiano de Tokushima.

**Ex Oriente lux.**

## **BIBLIOGRAFIA**

- Dias, Jorge — *Do Kansai a Shikoku — Traços da última jornada de Wenceslau de Moraes*, Instituto Cultural de Macau, 1988.
- Janeira, Armando Martins — *Figuras de silêncio — a tradição cultural portuguesa no Japão de hoje*, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1991.
- *Um intérprete português do Japão: Wenceslau de Moraes*, Macau, Imprensa Nacional, 1966.
- *O Jardim do Encanto Perdido: Aventura Maravilhosa de Wenceslau de Moraes no Japão*, Porto; Manuel Barreira, 1954.
- Moraes, Wenceslau de — *O Bom-Odori em Tokushima: Cadernos de impressões íntimas*, 2.<sup>a</sup> ed. Porto, Companhia Port. Editora.
- *Dai-Nippon: O Grande Japão*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1983.
- *Do Kansai a Shikoku—Traços da última jornada de Wenceslau de Moraes*, Instituto Cultural de Macau, 1988.
- *Cartas do Japão: antes da guerra 1902-1904*, Porto: Livraria Magalhães P. Moniz, 1904.
- *Relance da alma japonesa*, Parceria A. M. Pereira, 1973.
- *Os serões do Japão*, Lisboa: Portugal-Brasil, 1925.

- *A Vida Japonesa*, 3.<sup>a</sup> série de Cartas do Japão (1905-1906), Porto, Livraria Chadron de Mello e Irmão, 1985.
- *Cartas do Japão* — 2.<sup>a</sup> série, Lisboa: Portugal-Brasil, 3.<sup>o</sup> vol. (1907-1908; 1909-1910; 1911-1913).
- *Paisagens da China e do Japão*—Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1906.